

Internet, jornais electrónicos e teletrabalho

Algumas apostas no mercado de trabalho

Rogério Santos

Um estudo recentemente publicado apontava para a existência de um parque informático com 1,2 milhões de computadores em Portugal¹. Segundo o mesmo trabalho, e para 1998, havia 750 mil pessoas com possibilidades de acesso à Internet, na escola, no emprego e no lar. Nas residências, por exemplo, o número ascendia já a cerca de cem mil, mas o contacto mais presente processava-se na escola. A maioria dos utilizadores da Internet usava-a há menos de um ano, estudava, possuía um grau elevado de instrução e provinha maioritariamente da área de Lisboa e Vale do Tejo.

Apesar de menos relevantes do que em outros países da Europa, estes números são já interessantes e merecem alguma reflexão. Por isso, o eixo principal desta comunicação assenta na aplicação dos computadores em domínios concretos, tais como a edição electrónica e o teletrabalho, fomentadoras de empregabilidade no presente e no futuro. Estamos a falar - convém frisar - de sectores englobando a informática, o *multimedia*, as telecomunicações e as tecnologias de informação, que caminham, elas próprias, para a convergência, como nós próprios escreve-

mos em livro recente². Sectores que projectam, entre outras actividades, o desenvolvimento da videoconferência e as reuniões em rede, a aplicação dos computadores às tarefas de computação e o grafismo em três dimensões³.

Vejamos em primeiro lugar as empresas. As actividades destas fazem-se acompanhar por um jogo contínuo de criação de novas organizações e de fusões e aquisições de empresas. Por exemplo, em 1998, a Microsoft comprou a Hotmail, a America Online (o maior portal da Internet, com mais de 38 milhões de visitantes em Fevereiro último⁴) adquiriu a Netscape e a Compaq fez o mesmo com a Digital. Isto tudo em empresas de informática, *infotainment* (mistura de informação e entretenimento) e telecomunicações. Já este ano, em Abril, a Yahoo comprou a Broadcast.com, fornecedora de serviço noticioso e de actualidade, que inclui som e vídeo, e serviços às empresas como videoconferência, tornando a nova empresa o segundo maior portal da Internet (mais de 31 milhões de visitantes em Fevereiro último).

² Rogério Santos (1998). *Os novos media e o espaço público*. Lisboa: Gradiva

³ *Comunicações*, revista da APDC (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações), número de Fevereiro de 1999, p. 37

⁴ *Público*, 5 de Abril de 1999

¹ Instituto das Comunicações de Portugal (1999). *Internet, telecomunicações e sociedade de informação, uma visão prospectiva (2000/2010) - conclusões*. Lisboa: Instituto das Comunicações de Portugal

Hoje, há já cerca de 300 mil redes interligadas no mundo, com um crescimento anual de 100%⁵. Entre nós, a PT e a Microsoft assinaram um acordo, com esta a entrar no capital da TV Cabo, traduzível, para já, em serviços interactivos.

Em segundo lugar, analisemos a importância crescente do uso do computador na nossa sociedade. A um maior poder de processamento de informação nos computadores, juntam-se as funções de *multimedia* e da interactividade, resultado de equipamentos mais modernos e sofisticados e de mais ligações entre redes. As empresas já começaram a ver este fenómeno e integram a Internet na sua actividade, factor gerador de postos de trabalho. Seguindo o estudo do ICP citado inicialmente, sucedem-se fases como abertura ao exterior (criação de sítios institucionais e de promoção), interacção com parceiros (intranets com acesso de clientes e fornecedores) e integração da informação no quadro económico da empresa.

Como conclusão do ponto agora descrito, a um maior uso de computadores e da Internet corresponde a criação de novas empresas e de novos empregos, como a prestação de serviços de design, programação, marketing interactivo e alojamento de páginas. Do perfil do novo emprego, destacamos vários pontos fortes. Ao trabalho independente e criativo, na busca de novas projectos e soluções, junta-se a necessidade de constituir equipas multidisciplinares, enriquecedoras do conjunto de conhecimentos de cada indivíduo e de uma grande competitividade no seu conjunto. Metade das empresas do sector ligado à Internet nasceu depois de 1996 e tem um ambiente de micro-empresas quer em nú-

mero de empregados quer em facturação. A origem jovem dos seus elementos é um outro factor a destacar.

Observemos agora, com maior detalhe, algumas das apostas futuras de emprego nestas áreas. Um exemplo de actividade é o *jornalismo electrónico* ou *on-line*⁶. As profissões ligadas à comunicação social estão na moda, embora nem tudo esteja a correr bem. No caso concreto do jornalismo electrónico, este combina texto, imagem e som. A transmissão na Web permite juntar os diversos géneros jornalísticos à sua volta - a notícia, a reportagem, a entrevista, a crónica -, com a acrescida vantagem tecnológica de procurar à frente ou voltar atrás, através do hipertexto⁷. Por este, o utilizador navega e descobre novos sítios e informações. Além disso, há terreno para novos conteúdos, com os fornecedores e os utilizadores a pesquisarem ao mesmo tempo⁸, e que se repercute na função do jornalista, agora aberta a novas actividades ou profissões. Aqui, incluem-se os jornalistas na forma clássica de colectores de informação e produtores de notícias, mas também fotojornalistas, cartoonistas, arquivistas, operadores de câmara e técnicos de vídeo e áudio. Isto implica que o editor de um jornal electrónico, por exemplo, tem de possuir uma formação ecléctica, trabalhando quer o áudio quer o vídeo, escrevendo, acres-

⁶ Começa já a traduzir-se o conceito para língua portuguesa - *jornalismo em linha*

⁷ Mark Deuze (1998). "The webcommunicators: issues in research into online journalism and journalists". In *First Monday* <http://www.firstmonday.dk/issues/issue3_12/deuze/index.html>

⁸ Helder Bastos (1999). "A viragem digital do jornalismo", texto apresentado ao congresso da SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação), na Fundação Calouste Gulbenkian

⁵ *Notícias intercom*, 12 de Abril de 1999

centando os hiperlinks e mantendo a necessidade de fechar a edição a tempo. Em Agosto de 1997 - e trata-se já de uma data distante para nós -, havia 3622 jornais editados na Internet, metade dos quais nascera nesse ano⁹. Muitas das estações de rádio e de televisão ligadas à Internet só existem na Web, sem nunca terem emitido através das ondas hertzianas.

De um lado, destaca-se a vertente experimental da nova ferramenta tecnológica, e do outro, a procura comercial e de negócio. Neste último, basta pensar no êxito da venda electrónica de livros por parte da Amazon. Uma razão do crescimento de jornais electrónicos é a multiplicidade de propostas, que vai dos meios informativos sobre tecnologias até às revistas de crítica e criação literária. A possibilidade experimental articula-se com novas linhas estéticas nos textos, nas imagens e nos grafismos que os acompanham, dando conta de uma jovem geração de agentes criativos que usam a Internet, o já chamado quarto *medium*. Além disso, num jornal electrónico, não há constrangimento de espaço e tempo como no diário que lemos ou no telejornal, isto é, os textos podem ter a dimensão de acordo com o nosso interesse e não se subordinam às páginas existentes ou à duração do telejornal. Por outro lado, devido ao hipertexto (links para outras áreas de interesse), salta-se de um texto para outro texto ou imagem.

Uma área mais global utilizando as designadas tecnologias de informação é o *teletrabalho*. Este define-se como o resultado de actividades e serviços que incluem a transmissão à distância de dados, imagens, tex-

tos. No sentido restrito do termo, o teletrabalho efectua-se no domicílio ou em telecentros; no sentido mais geral, é todo aquele que parte do posto de trabalho com um computador ligado em rede. Engloba actividades como a telegestão e a televigilância, isto é, actividades controladas remotamente por meio de aparelhos vídeo, electrónicos e computadores.

No sentido restrito atrás referido, as pessoas que praticam estas actividades são profissionais independentes na sua maioria, operando em programação informática, na tradução e na análise e controlo de máquinas, naquilo a que um autor americano chamou de profissionais simbólicos-analíticos¹⁰, recorrendo a trabalho de investigação, de resolução e identificação de problemas e de intermediação estratégica. As acções de comunicação destes trabalhadores simbólicos-analíticos fazem-se acompanhar de modos de interligação como o correio electrónico, rede que corre a par da Internet.

Indo mais fino ao conjunto de actividades em torno do teletrabalho, não podemos deixar de referir algumas aplicações concretas usando a Internet. Uma delas é a *telemedicina*, que permite a troca de dados sobre estados de saúde e, até, acompanhar ou realizar operações à distância. O sucesso da telemedicina encontra-se na segurança em termos de transmissão e armazenamento de dados, na sua fiabilidade tecnológica e na confiança social que nela se deposita. Fazer uma operação por telemedicina exige, por um lado, uma grande habilidade por parte do médico operador e, por outro lado, a aceitação pública do sucesso de tal empreendi-

⁹ Dados disponíveis em http://www.towson.edu/~lieb/multimedia_syllabus.html

¹⁰ Robert Reich (1993). *O trabalho das nações*. Lisboa: Quetzal, pp. 253-257

mento. Nesta plateia, não fazemos tanto a apologia do médico perito em manipular máquinas à distância, mas à criação de empregos em torno desta actividade. Talvez surja daqui uma pequena fileira de profissionais, do fornecimento de equipamentos e sua manutenção à preparação de códigos de comunicação homem-máquina.

Outra das aplicações é usada pela banca, como o *homebanking*, já praticadas por muitos bancos. Isto quer dizer que muitas das transacções bancárias são já efectuadas por máquinas inteligentes. O mesmo ocorre com o *comércio electrónico*, definido como a condução de actividades comerciais entre empresas e particulares por intermédio de meios electrónicos. Áreas apontadas de grande expansão no comércio electrónico são os sectores de distribuição, automóvel e electricidade. Resolvidos que forem os problemas de confidencialidade, como os receios de roubo de códigos de acesso a cartões visa através da Internet, o comércio electrónico promete revolucionar as transacções envolvendo dinheiro. Os sucessos do multi-banco e da via verde são dois bons exemplos.

Nesta curta intervenção, falámos das maravilhas do mundo novo. Mas não podemos esquecer o reverso, se quisermos ser realistas. O uso da Internet e das tecnologias de informação provoca um conjunto de oportunidades e de ameaças, com a criação de novas profissões e a requalificação de outras profissões. O aspecto negativo será o aumento da info-exclusão, problema que afecta as pessoas que não acompanham a evolução tecnológica ou com medo de operar as novas máquinas. Por outro lado, as áreas que temos vindo a referir são constituídas por nichos de mercado em constante mudança. O risco de obsolescência traduz-se em precariedade do

negócio e do emprego. Além disso, e já visto atrás, o ambiente de micro-empresas significa a existência de poucos postos de trabalho por unidade produtiva. O problema do desemprego em vasta escala não se resolve com a criação de apenas algumas empresas, mas com a constituição de muitas e constituindo um feixe de actividades entrecruzadas. Mas o mercado não é elástico e o apoio a iniciativas individuais e de pequenos grupos precisa de ser multiplicado, tornando-se necessário um grande esforço em termos de imaginação.